

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



À classe operária e a todos os trabalhadores! PELA INTENSIFICAÇÃO E GENERALIZAÇÃO DAS LUTAS REIVINDICATIVAS

Operários e camponeses!

Trabalhadores da cidade e do campo!

Mulheres e jovens trabalhadores de todo o país!

Como consequência directa das guerras coloniais em que o governo mergulhou o país agravam-se de dia para dia as dificuldades e as condições de vida das massas trabalhadoras. Os salários representam cada vez menos valor nas mãos da classe operária face à constante subida dos preços dos géneros de primeira necessidade. As rendas de casa sobem assustadoramente obrigando cada vez mais famílias trabalhadoras a refugiar-se em barracas e furnas, vivendo amontoados na maior promiscuidade e falta de higiene. Só em Lisboa, segundo os números oficiais, mais de um terço da população vive nestas degradantes condições!

A juntar à miséria e à fome de todos os dias o governo de Salazar trouxe também o luto aos lares dos trabalhadores. Por cada dia que passa mais de uma mãe portuguesa perde o seu filho nas guerras coloniais. Muitas outras mães, muitas esposas e filhos choram os seus entes queridos que ficam estrepados para sempre nessa guerra maldita.

Mas alguém beneficia com a miséria e o sofrimento das massas trabalhadoras. Beneficiam as famílias da grande burguesia que se escondem por detrás dos grandes monopólios e dos bancos. A prová-lo aí estão para exemplo os fabulosos lucros líquidos de três grandes Bancos em 1964: Banco Espírito Santo, 55 mil contos; Banco Pinto & Sotto Mayor, 51 mil contos; e Banco Português do Atlântico, 48 mil contos!

É para defender e aumentar estes e outros grandes lucros, arrancados ao suor e sangue dos trabalhadores portugueses e dos povos coloniais, à custa dos quais vivem os potentados e parasitas da grande burguesia de mãos dadas com o imperialismo estrangeiro, que o governo de Salazar

Recenseamento

Realizam-se no ano corrente a eleição fascista para Deputados à chamada Assembleia Nacional.

Se para a Presidência da República o governo conseguiu acabar com o sistema de eleição directo transformando-a numa nomeação governamental, a «eleição» dos deputados, no quadro das limitações impostas por um regime cada vez mais reaccionário, conserva ainda largas possibilidades de mobilização e movimentação das massas populares contra todos os aspectos da política fascista.

Para o preenchimento das exigências legais em apoio de candidatos a deputados por parte da oposição, a inscrição no recenseamento eleitoral aberto até ao dia 15 de Março é uma exigência e um dever para todos os democratas, independentemente da atitude final a tomar face ao acto eleitoral em si.

Organizemo-nos, pois, por toda a parte a inscrição em massa no recenseamento eleitoral!

Formemos desde já comissões eleitorais com vistas a interessar os democratas e as massas nos próximos actos eleitorais!

Desmascaremos todas as arbitrariedades fascistas!

MENSAGEM DO P.C.U.S. AO C.C. DO P.C.P.

Por motivo do Ano-Novo, o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética dirigiu ao Comité Central do Partido Comunista Português um telegrama de saudação.

O texto deste telegrama que expressa bem as amistosas e fraternais relações entre os dois partidos, é o seguinte:

«Queridos camaradas:

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética saúda-vos e saúda todos os comunistas portugueses no início do ano de 1965.

Desejamos calorosamente ao Partido Comunista Português novos êxitos na sua luta pela unidade das forças da oposição contra a ditadura fascista e pela instauração dum regime democrático no país, pela elevação do nível de vida dos trabalhadores portugueses, pela unidade do movimento comunista internacional, na base dos inabaláveis princípios do marxismo-leninismo.

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética

aumenta a repressão e a perseguição aos trabalhadores de vanguarda, aos jovens e aos democratas que lutam pelos seus direitos e contra a tirania fascista.

Vítima dum a cada vez maior e mais desenfreada exploração capitalista a classe operária só tem um caminho para defender os seus interesses — a unidade e a luta.

Todos de pé e unidos contra a fome e a miséria!

Contra a política de traição nacional!

Operários e camponeses!

Trabalhadores da cidade e do campo!

Mulheres e jovens trabalhadores!

Lutemos unidos contra a vida cara, contra a fome e a miséria!

Contra a guerra colonial!

Pela Liberdade e pela Democracia!

Organizemo-nos e formemos por toda a parte, na cidade e no campo, comissões de unidade que apresentem ao patronato, aos sindicatos e ao governo, cadernos reivindicativos com as nossas reclamações mínimas! Mais salário! Pão e trabalho!

Impulsionemo-nos por toda a parte as reivindicações em curso existentes. (continua na 4.ª pág.)

Liberdade para os estudantes presos NOVA MANIFESTAÇÃO ESTUDANTIL

A valente juventude estudantil de Lisboa continua a sua corajosa luta contra a ofensiva da PIDE na Universidade. No dia 22 de Janeiro, aproveitando de forma inteligente as cerimónias fascistas comemorativas do chamado «dia da Universidade», iniciativa do burlesco reitor-polícia Paulo Cunha para opor ao Dia do Estudante que o governo proíbe, uma importante massa de estudantes irrompeu na aula magna da Reitoria aos gritos de «Liberdade para os estudantes presos! Abaixo a repressão! Abaixo a PIDE! Fora o reitor-polícia!».

Com os seus gritos os estudantes abafaram a voz de Paulo Cunha, assim como a do ex-ministro fascista Lumbrals quando estes usa-

vam da palavra na cerimónia realizada. Os estudantes protestavam contra a prisão de numerosos estudantes.

Luto e greve académica

Numa reunião plenária realizada na Universidade, os valentes estudantes de Lisboa decidiram fazer greve académica nos dias 23 e 25 de Janeiro, decretando igualmente o luto académico, como protesto contra as prisões e contra as violências da PIDE e do governo na Universidade.

Manifestação junto do Aljube

Continuando valentemente a sua luta, no dia 26, milhares de estudantes, saindo da Cidade Universitária e de outras escolas assim como de liceus, percorreram as ruas da cidade dirigindo-se para o Aljube de Lisboa onde estão encarcerados a maioria dos estudantes presos. A enorme massa estudantil constituída por grupos de centenas de jovens rapazes e raparigas gritavam: «Abaixo a PIDE! Liberdade! Liberdade! Abaixo o fascismo!».

Milhares de vozes, formando enorme clamor juvenil, ao qual se associaram muitos populares, exigiram junto da cadeia do Aljube, durante longo tempo, a liberdade dos seus colegas aos quais levaram o calor e apoio dos seus gritos e protestos.

Após a manifestação junto do Aljube os estudantes dirigiram-se para o Ministério do Interior sendo violentamente reprimidos à caçafada pelas brigadas de choque da PSP e da PIDE, que causaram

(continua na 5.ª pág.)

MAIS UM ROUBO DA J.N.V. E DO GOVERNO MILHARES DE VINICULTORES PROTESTAM POR TODO O PAÍS

No prosseguimento da sua política que visa arruinar e liquidar a pequena e média propriedade, o governo, de colaboração com a Junta Nacional do Vinho acaba de lançar mais uma taxa de 40 centavos sobre cada litro de vinho!

A justificação para o lançamento de mais esta taxa é, diz-se, o facto de em 5 anos seguidos a produção ter sido abundante e a J.N.V. não ter dinheiro para pagar a deste ano. É evidente que as causas de mais este roubo aos vinicultores está longe de ser esta. A J.N.V. levantou uma ponta do véu ao dizer: que as condições económico-financeiras que o país atravessa não consentiam ao governo, certamente, dispor dos meios necessários para enfrentar a campanha que se iniciaria em 1 de Janeiro (citado pelo «Século»). Isto quer dizer, que é à falta de meios financeiros em que se debate o governo, ocasionada pela guerra nas colónias que se devem ir procurar as causas de mais este imposto, arrancado à miséria

e dificuldades que afligem os pequenos e médios vinicultores.

O descaramento dos senhores da J.N.V. vai ao ponto de apresentarem o lançamento de mais esta taxa como meio de evitar uma descida no preço do vinho, como se roubar mais 40 centavos em litro não significasse de facto baixar o seu preço. Mas é evidente que isto não é tudo, o que a J.N.V. pretende alcançar, o que ela quer é facilitar novas especulações, e novas rambalheiras aos pequenos e médios camponeses. Se assim é ou não que o digam os vinicultores ribatejanos onde, logo a seguir ao lançamento da nova taxa, o preço da pipa de vinho que andava entre 900 a 1.000 escudos passou para 600\$00, o que tem causado a maior indignação em todo o Ribatejo.

Por outro lado arrancar mais de meio milhão de contos à lavoura, quando ela vive umas das suas mais graves crises e apresentar isto como sendo a expres-

(continua na 5.ª pág.)



ARAIYO A GUERRA COLONIAL FORA SALAZAR

Como se não bastasse à praga fascista ter, em quase 40 anos de domínio transformado o país num dos mais atrasados, ter feito dos portugueses o povo mais mal alimentado e vestido da Europa, ter dado ao país as mais elevadas percentagens de mortalidade infantil, de tuberculose, etc., de conduzir a agricultura à maior crise de todos os tempos, de ter roubado ao povo todas as liberdades, de ter entregue o país ao domínio do imperialismo, esta praga, como se tudo isto fosse pouco, envolveram o país em três guerras coloniais que arruinam mais a nação que espalham o luto e dor em cada dia que passa.

Para esconder o fracasso de toda a sua política de provocação e de guerra em África o governo, pela voz do seu chefe, anunciou o fim da guerra em Angola há já 2 anos! Depois desta cínica afirmação tudo tem sido feito para convencer o povo português de que nas colónias não há mais que pequenas escaramuças que os patriotas de Angola, Guiné e Moçambique, a que teimam em chamar «terroristas», «bandoleiros» etc, estão desarticulados, que apenas uns pequenos núcleos ainda resistem, enfim, emprega-se toda uma linguagem que, maquiavêlicamente visa enganar o povo português.

Tal como há muito se previa o povo moçambicano teve de pagar em armas para fazer valer os seus direitos, mas, apesar de todos os dias morrerem soldados portugueses nesta colónia o país nada sabe de concreto sobre o que lá se passa.

Ainda não há muito se poderia dizer que em cada dia, pelo menos uma mãe portuguesa ficava chorando um filho morto nas guerras coloniais. Depois dos últimos 2 a 5 meses pode dizer-se que muitos mais tem a mesma sorte todos os dias!

Para esconder a verdade o governo e comandos fascistas que haviam inventado que nas guerras criminosas que conduzem, quase só se morre por acidente ou por doença, inventaram agora mais uma forma de esconder os seus reveses militares.

No dia 9 de Janeiro foi anunciado na imprensa que na Guiné morreram acidentalmente afogados só dum vez 10 soldados portugueses. É evidente que a morte destes 10 soldados não foi devida a nenhum acidente furtivo, mas às estrondosas derrotas que as tropas colonialistas estão a sofrer constantemente nesta colónia. O que acontece é que vai sendo difícil esconder tão grande número de mortes e inventar para todas elas acidentes de viação ou doenças incuráveis, daqui, mais esta trapaceira dos governantes e comandos fascistas.

Os crimes cometidos contra os patriotas das colónias portuguesas, as populações civis massacradas pela orda fascista, as centenas e centenas de vilas e aldeias queimadas a napalm, assim como centenas e centenas de jovens portugueses mortos ingloriamente nas guerras coloniais, são uma ofensa aos sentimentos pacíficos e de fraternidade humana que sempre caracterizaram o povo português. A quadrilha que se apossou do poder em Portugal e que tudo sacrifica aos interesses dos grandes capitalistas e do imperialismo tem de ser escorraçada e os responsáveis por toda esta tragédia e pelo desprestígio a que arrastaram o país têm de ser julgados, têm de prestar contas dos seus crimes.

Nenhum português em cujo peito vibre o sentimento da honra, da dignidade e do patriotismo pode ficar impassível. Aqueles que ainda se não decidiram a participar na luta, devem fazê-lo sem perda de tempo. Aqueles que já andam nela, devem intensificá-la o mais possível. Só a unidade e luta de todos os patriotas pode salvar a Pátria, do desprestígio, da ruína, da dependência. A luta em todas as frentes contra o fascismo é um dever sagrado para todos os portugueses honrados.

A repressão não salvará o regime

A medida que se agrava a crise que há-de conduzir o regime à sua derrota total, mais se refinam e aumentam as medidas repressivas e as violências contra as forças democráticas e em especial contra os comunistas.

Se outros meios não houvesse por onde avaliar a acção repressiva, bastaria reparar na actividade dos Tribunais Plenários durante o ano de 1964.

Nos 3 Tribunais Plenários em funcionamento conseguimos assinalar em 1964 53 julgamentos.

Nestes, foram julgadas 285 pessoas, sendo 74 de entre elas, condenadas a prisão maior num total de 169 anos! 161 pessoas foram condenadas a penas de prisão correcional que somam um total de cerca de 203 anos!

Aos 74 presos condenados a prisão maior, e mais 6 condenados em pena correcional, foram aplicadas as famigeradas Medi-

das de Segurança, isto significa que, mais de 80 pessoas foram condenadas, no mínimo de mais 5 anos cada uma, ou seja, mais 240 anos, o que quer dizer que os Tribunais políticos de Salazar, onde se condena com provas ou sem elas, proferiram sentenças em 1964 que prefazem mais de 6 séculos de cadeia!

Convém no entanto sublinhar que estes números, já de si bem elucidativos, estão longe da realidade. Primeiro porque não conseguimos apurar todas as condenações; Segundo, porque aos presos condenados a prisão maior é reduzida em cinquenta por cento a prisão sofrida antes da condenação. Terceiro, porque os presos condenados a medidas de segurança, podem ficar na cadeia indefinidamente e por períodos sucessivos de 5 anos, tal como acontece com Manuel Guedes que terminou a pena há mais de 9 anos e continua ainda preso! Portanto, se se tiver tudo isto em conta os 616 anos de condenações fascistas em 1964 ficam muito àqum da realidade.

A intensa actividade dos Tribunais Plenários, dando uma clara indicação da brutalidade repressiva do regime salazarista, dá ao mesmo tempo, indicação não menos clara, do crescimento incessante das lutas do povo português. Nas 285 pessoas que assinalamos como tendo sido julgadas e centenas de outras que passaram pelas cadeias fascistas, mas que não foram levadas a julgamento há representantes de variadas camadas sociais — operários, camponeses, estudantes, empregados, intelectuais, etc. Os julgados e não julgados são naturais das mais diferentes terras e províncias do país, tudo isto demonstra que a repressão ainda que cada vez mais dura não faz nem fará desviar o povo português do caminho da luta pela liberdade e a democracia.

A disposição crescente de lutar contra a acção das forças repressivas, contra as medidas de segurança e por uma amnistia a todos os presos políticos é disso a melhor prova.

NA ORDEM DO DIA A ELEVAÇÃO DE SALÁRIOS, ORDENADOS E VENCIMENTOS

Afectando todos os trabalhadores portugueses, a subida constante do custo de vida, obriga numerosas classes profissionais a movimentarem-se para obrigar o patronato, Grémios e governo a conceder aumentos de salários, jornas e vencimentos. As formas de luta para alcançar estes objectivos têm sido variadas, desde a greve à cera e concentrações, desde as exposições assinadas, à luta nos sindicatos pela revisão dos contratos colectivos. Esta última forma de luta tem-se generalizado e abrangido larguíssimas dezenas de milhares de trabalhadores.

A luta dos têxteis que culminou há pouco com a assinatura do novo contrato, ainda que não satisfaca nem de longe as suas necessidades, representa para eles uma vitória.

Na base do seu sindicato, desenvolveram os operários dos telefones e da Carris do Porto grandiosas lutas. O mesmo têm vindo a fazer os bancários e os operários dos curtumes de Alcena. Com vistas a impor a revisão dos seus contratos colectivos têm-se movimentado os Portuários de Lisboa, os operários marceneiros e serviços correlativos, os ferroviários, etc.

Também, a direcção da Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Motoristas pressionada pela classe tem feito algumas demarches com vistas a conseguir a revisão do contrato colectivo. Nesta revisão, além do aumento de salários é também exigido pelos motoristas da província que sejam eliminadas as diferenças de salários em relação aos motoristas das cidades mais importantes. Neste sentido se pronunciaram há pouco os motoristas de Vila Real.

Os jornalistas vêm reclamando desde há muito a revisão do seu contrato colectivo. A 17 de Janeiro, uma vez mais eles se reuniram em Assembleia Geral extraordinária na sede do seu sindicato em Lisboa. Nesta concorridíssima

assembleia, intervieram vários sócios e foi aprovada uma moção dos profissionais do Porto no sentido de ser rapidamente denunciado o actual contrato.

A luta pela revisão dos contratos colectivos pelo elevado número de trabalhadores que envolve pode contribuir poderosamente para melhorar os salários e vencimentos. Entretanto, esta forma de luta, mais necessária ainda naquelas classes profissionais mais dispersas, tem, para dar os seus frutos, de ser conduzida com muita energia por parte dos interessados.

A luta pela revisão dos contratos e acordos colectivos de trabalho deve ser intensificada, mas os trabalhadores, sejam eles quais forem, têm de unir-se e lutar firmemente pelas suas reivindicações, realizando poderosas concentrações e assembleias nas empresas e sindicatos.

AVANTE NA LUTA POR UM SUBSTANCIAL AUMENTO DE SALÁRIOS, JORNAS E VENCIMENTOS!

OS OPERÁRIOS DA C.U.F. E A GUERRA COLONIAL

Dando mais uma prova dum elevado espirito de classe e consciência revolucionária os operários da CUF recusaram-se a contribuir para a guerra colonial.

Pretendendo fazer figura à custa dos outros e ao mesmo tempo arranjar dinheiro para a guerra colonial um grupo de senhoras que nunca fizeram outra coisa na sua vida que não fosse esbanjar o dinheiro que os maridos roubam e explorar aos povos de Portugal e colónias, armaram em beneméritos e vá de criar um pomposo e pretensoso «Movimento Nacional Feminino».

Este «movimento», especulando com a boa fé da gente simples do nosso país, têm dado às suas campanhas de recolha de fundos um carácter patrioteiro levando assim a cabo um verdadeiro conto do vigário de dimensão nacional. Por outro lado, utilizando, de colaboração com a PIDE e patronato fascista, veladas ameaças têm em vários pontos do país obrigado os trabalhadores a contribuir com uma hora de salário e ainda outras «dávivas» do género.

Não se achando com força, nem os senhores da CUF, nem o M NF, para descontar nos salários dos operários desta empresa a contribuição a que depois chamariam voluntária, colocaram em várias secções caixas-mealheiros para receber as suas dávivas. O resultado cifrou-se mais ou menos nisto: Na secção das carpetes só o encarregado contribuiu; na Fiação entraram na caixa duas moedas e ainda em algumas secções apareceram, em vez de dinheiro, papeis a exigir o regresso dos soldados e o fim das guerras coloniais.

Com esta esclarecida e firme atitude os operários da C.U.F. mostraram o caminho a seguir em relação a todas as campanhas destinadas a alimentar a guerra nas colónias.

Trabalhadores pessoas simples do nosso povo, sempre que apareçam nas vossas empresas, colectividades ou localidades pedidos destinados a alimentar a guerra que vão encobertos com a justificação de que é para os soldados destacados nas colónias, segui o exemplo dos operários da CUF, nem um tostão para a guerra. O que os soldados precisam não é de lembranças, mas que os deixem regressar aos seus lares e recomenciar a sua vida pacífica.

Abaixo a guerra colonial! Fora com as damas fascistas!

OS VINICULTORES PROTESTAM

(continuação da 1.ª pág.)
são da sua própria vontade, toca as raízes do cinismo e da canalhice. A resposta à nota de J.N.V. tem sido dada por milhares de vinicultores através dos mais variados protestos e nas mais diferentes regiões do país.

Mortôgua — Cerca de mil produtores reuniram-se na Câmara Municipal para protestar contra a nova portaria que segundo cálculos, arrancará cerca de 1.600 contos aos vinicultores do concelho ou seja mais do que se paga de contribuição anual.

Figueira da Foz — No Grémio da Lavoura reuniram-se centenas de vinicultores que exigiram da Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral que intervenha contra a nova portaria.

Vouzela — As juntas, párocos e regedores das freguesias do concelho acompanhados de centenas e centenas de produtores reuniram-se nos Paços do Concelho afim de protestar contra a nova portaria que segundo um orador, a ser aprovada, resultaria que os vinicultores da região não fariam no vinho o dinheiro suficiente para pagar esta nova taxa!

Aguada — Também um número muito elevado de vinicultores se reuniram na Câmara Municipal apesar da oposição do Presidente que queria remetê-los para o Grémio da Lavoura. Pelos esclarecimentos prestados vê-se que a nova taxa pode obrigar os produtores da região a terem de vender o seu vinho até a 1\$20 cada litro o que nem de longe cobre a sua despesa com a produção.

Lourinhã — Centenas de vinicultores dirigiram-se à Câmara Municipal onde apresentaram uma exposição pedindo que a nova taxa seja eliminada por a considerarem incompatível com a sua fraca capacidade económica.

Arruda dos Vinhos — Também nesta vila se reuniram centenas de produtores para protestarem contra a cobrança da mesma taxa sobre o vinho que como então se disse vai afectar assustadoramente a lavoura local.

Paços de Vilhargues — (Vouzela): Mais de mil pessoas reuniram na Câmara Municipal para protestar contra a nova portaria,

a aglomeração foi de tal ordem que parte do soalho abateu.

Campia — (Vouzela): Em número superior a 500 e representando todas as freguesias do concelho os vinicultores manifestaram-se junto à Câmara Municipal contra a nova taxa.

Manteigas — Efectuou-se importante reunião dos vinicultores nos Paços do Concelho que protestaram contra a nova taxa e pediram providências para a crise que afecta a lavoura.

Sabugal: Os lavradores do concelho reuniram-se e enviaram uma exposição ao governo protestando entre outras coisas contra a nova taxa do vinho.

De muitas outras terras e regiões do país chegam notícias do descontentamento e indignação que lavra entre os vinicultores. De entre elas salientamos:

Penamacor — Com a nova taxa sentem-se prejudicados: vinicultores, retalhistas e consumidores. **Paão**: A nova taxa traz a perspectiva de deixar de cultivar as vinhas. **Lapas** (Torres Novas) A nova taxa veio agravar a situação da lavoura de todo o Concelho que já deve cerca de 80 mil contos à Caixa de Crédito Agrícola. **Gradil** (Mafra). Os vinicultores estão desanimados a nova taxa veio agravar a já grave crise da lavoura. **A-dos-Cunhados** (Oeste) A nova taxa trouxe a paralisação quase geral do trabalho nos campos. **Dornelas do Zêzere**: Com a nova taxa o vinho está a vender-se ao desbarato. **Ancas** (Bairrada) O descontentamento é geral pede-se a anulação da nova taxa. **Almeida**: O descontentamento é geral; depois de terem subido de preço os adubos, sementes, fungicidas, etc. a nova taxa veio agravar mais a situação. **Lobão da Beira**: A crise na lavoura é grave, a nova taxa veio agravá-la. **Aldeia de João Pires** (Beira Baixa) Mais uma taxa sobre o vinho vem agravar a situação da lavoura já quase moribunda.

Depois de todos estes protestos e da onda de indignação que vai pelo país fora é de bradar aos céus que alguns órgãos da imprensa diária como o «Século», órgão da venalidade e da sabugice, venham apresentar mais este roubo como

um exemplo, dizendo, referindo-se à nova taxa que: «É a própria viticultura que voluntariamente a pediu e suporta para que à J.N.V. não falem recursos para a compra da colheita de 1964». O que o «Século» e a Junta se esqueceram de acrescentar é que o meio milhão de contos que pretendem arrancar aos vinicultores se destina não a pagar o vinho dos pequenos e médios produtores, cuja imensa maioria não recebeu ainda a colheita de 63. Quer dizer, até aqui a J.N.V. comprava muitas vezes ao desbarato, o vinho à pequena e média lavoura e pagava-lhe quando bem entendia, agora não só lhe não paga, como pretende ainda arrancar-lhe o dinheiro para pagar aos grandes lavradores.

A isto já nem sequer se pode chamar aquilo que se designava por «negócio da China», mas simplesmente por roubo, roubo como sempre incitado e acobertado pelo governo fascista. Para que sobre isto não fiquem quaisquer dúvidas basta ver como o governo, depois de todo o coro de protestos, que se tem levantado, vem pelos jornais de 23-1, dar o seu apoio à J.N.V. confirmando a dita portaria.

Pequenos e médios vinicultores a vossa indignação é justa, mas é preciso que ela se transforme em recusa absoluta a pagar a taxa. A roubalheira de que estais a ser vítimas é mais uma comprovação que a defesa dos vossos interesses não pode ser entregue às Juntas ou Grémios fascistas, essa defesa só pode ser obra vossa, mas para isso é preciso que vos organizeis sem perda de tempo. Esta nova roubalheira comprova também, uma vez mais, que o governo de Salazar, é o governo dos grandes capitalistas e agrários, é o governo da ruína e miséria para os pequenos e médios agricultores. O respeito por aqueles que com o suor regam as terras de Portugal, que nelas enerram os seus esforços, recursos e esperanças em dias melhores, só pode ser alcançado com a derrota total do fascismo salazarista e toda a sua engrenagem corporativa.

Pequenos e médios vinicultores, organizai-vos para a luta; ingressai no Partido Comunista Português; formai as vossas Juntas de Acção Patriótica. Todos juntos derrotaremos o fascismo e conquistaremos o direito de viver livres e felizes na nossa Pátria.

«A hora é de sacrifícios»... para quem?

Os salazaristas não se cansam de gritar que a hora é de sacrifícios quando pretendem justificar os baixos salários dos trabalhadores e os pesados impostos que o povo paga para alimentar a guerra colonial. Mas os factos demonstram que os sacrifícios são apenas para as classes trabalhadoras, pois a grande burguesia monopolista não cessa de engordar os seus fartos lucros como o demonstra, por exemplo, os 231 mil contos de lucros líquidos de seis grandes Bancos em 1964, distribuídos como se segue:

| | |
|---|---------------|
| Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa .. | 55.548 contos |
| Banco Pinto e Sotto Mayor | 51.817 « |
| Banco Português do Atlântico..... | 48.000 « |
| Banco Totta — | |
| Aliança..... | 32.000 « |
| Banco Fonseca Santos & Viana. | 24.546 « |
| Banco Lisboa & Açores | 20.000 « |
| Total | 251.711 « |

Enquanto os salários dos trabalhadores se mantêm quase no mesmo nível de há dez anos o Banco Português do Atlântico, por exemplo, viu os seus lucros passarem nesse período de 11 mil contos (1954) para 48 mil contos (1964). Isto é, um aumento de mais de 300 por cento! O Banco Pinto & Sotto Maior aumentou os seus lucros no mesmo espaço de tempo de 9 mil para 51 mil contos! (466%).

Por estes números se pode avaliar bem os grandes «sacrifícios» que estão fazendo a grande burguesia exploradora e todos os parasitas que vivem à custa do sangue e do suor dos trabalhadores portugueses e dos povos coloniais!

A LUTA DOS ESTUDANTES

(continuação da 1.ª pág.)

numerosos feridos e efectuaram prisões.

O comunicado do dia 28 do Ministério do Interior após as manifestações estudantis que tão larga repercussão tiveram do país e no estrangeiro, mais não faz que confirmar a justeza da luta estudantil e do povo português pela liberdade e a Democracia. Tal comunicado constitui uma prova que só por si documenta e condena o regime de terror e opressão que é a ditadura fascista de Salazar.

A corajosa luta dos estudantes contra a repressão fascista é digno exemplo de combatividade que mostra o caminho justo na luta contra a repressão. A sua manifestação do dia 22 de Janeiro mostra que ao contrário do que pensa o governo de Salazar e o bando de assassinos da PIDE a juventude estudantil não se deixa intimidar e prossegue valentemente a luta pela libertação dos colegas presos.

A comissão Executiva do Comité Central do nosso Partido publicou em Dezembro último um oportuno manifesto de solidariedade para com os estudantes cuja parte final transcrevemos por

conservar toda a oportunidade:

«O Partido Comunista Português, fiel defensor e amigo da juventude, está activamente ao lado dos estudantes. Assim, ao mesmo tempo que apela para todos os jovens portugueses, para a classe operária, para os intelectuais e outras camadas progressivas do povo português, tal como para as organizações democráticas internacionais para que se solidarizem com os jovens presos exigindo a sua libertação, apela em particular para os estudantes universitários, liceais e técnicos de Lisboa para que desencadeiem imediatamente potentes acções de protesto em defesa dos seus companheiros presos!

Jovens estudantes de todo o país!

Universitários, liceais e técnicos de Lisboa!

Concentrai-vos e manifestai-vos em massa nas escolas, reitorias e junto dos ministérios da Educação e do Interior, exigindo a libertação imediata dos estudantes presos!

Que cesse o terror e a repressão fascistas!

Liberdade para os estudantes presos!»

Um exemplo digno de nota

Nestas colunas se fez referência ao caso de uma organização que, tendo ficado desligada dos organismos superiores, continuou a realizar o trabalho partidário, particularmente a recolha de fundos

O facto deirmos apontar mais um exemplo não significa que esqueçamos ou menosprezemos muitos outros casos semelhantes. Porém, há situações que é digno realçar, salientando-as entre as outras. Que o exemplo frutifique e a experiência de cada caso sirva aos outros na altura própria.

O exemplo que temos a apresentar é o da organização partidária de uma importante empresa. Os camaradas ficaram desligados do organismo imediatamente superior durante, mais ou menos, um ano. Pois bem, ao longo deste período, nada curto, o trabalho partidário não morreu. Pelo contrário, continuou a efectuar-se. É certo que sem o ritmo, a amplitude e a regularidade anteriores. Todavia, a organização baseada fundamentalmente nos camaradas mais diligentes, continuou a dar andamento a aspectos importantíssimos do trabalho partidário, sobretudo a proceder à recolha de cotas e outras contribuições e à publicação e difusão de tarjetas e manifestos.

Os fundos foram-nos enviando ao Partido através das vias que tinham à mão e de que puderam socorrer-se. Assim permaneceram a prestar a valiosa ajuda financeira ao Partido. Tanto mais valiosa quanto é nas fases de crise ou de dificuldades criadas pela repressão que mais se faz sentir a sua necessidade.

Com a publicação de tarjetas e manifestos os camaradas foram acompanhando regularmente os problemas mais candentes da sua empresa, promovendo o esclarecimento dos seus companheiros de trabalho e fomentando o seu espírito de classe e a sua combatividade.

A repressão tem hoje uma violência e uma extensão que não tinha antes. É um fenómeno próprio da aproximação das fases decisivas da nossa luta. Esta torna-se mais dura. Por isso também da parte do Partido, das suas organizações e militantes, se fazem necessários uma diligência, espírito de iniciativa e sagacidade para contornar ou iludir os obstáculos levantados pelo inimigo à altura de responder à repressão e às situações difíceis e imprevisíveis por ela criadas.

Nós vemos com satisfação, pelos exemplos que estamos a apontar, que o Partido, ao começar pelas suas organizações de base, é capaz de responder e está a responder às novas condições de luta.

GES PCP INTENSIFICAR AS LUTAS REIVINDICATIVAS

(continuação da 1.ª pág.)

gindo a sua satisfação imediata!

Apoiemos com assinaturas, com concentrações, com paralisações e com o recurso à greve as nossas reivindicações!

Organizemos até ao 1.º de Maio uma grande jornada de lutas reivindicativas que culmine em grandes acções de massas no dia 1.º de Maio contra a política de fome e de guerra do governo de Salazar!

Operários da CUF do Barreiro e de Lisboa!

Têxteis do Norte!

Metalúrgicos de todo o país!

Operários dos transportes, da Carris de Lisboa e do Porto, dos caminhos de Ferro de todo o país!

Portuários de Lisboa e estivadores de Leixões!

Trabalhadores da Construção Civil!

Pescadores da costa Norte, do Centro e do Algarve!

Empregados Bancários, de Seguros e de escritório!

Operários agrícolas do Sul!

Apresentai as vossas reivindicações e lutai activamente por elas!

Recorrei à paralisação e à greve!

Forçai o patronato e o governo a satisfazer as vossas reivindicações até ao 1.º de Maio!

Todos unidos, sois uma força invencível!

O Partido Comunista Português que está ao vosso lado, chama-vos a lutar pelos vossos interesses e pelas mais sentidas reivindicações populares:

Pão e Trabalho!

Contra a vida cara!

Contra a fome e a miséria!

Aumento geral de salários, ordenados e vencimentos!

Por contratos colectivos que correspondam às reivindicações dos trabalhadores!

Pela jornada de 8 horas nos campos!

Pela Liberdade, a Paz e a Democracia!

Fevereiro de 1965

A Comissão Executiva do C.C. do Partido Comunista Português

Solidariedade internacional à luta do povo português

Para o povo português que trava uma duríssima luta contra o regime fascista mais velho da Europa, é reconfortante ver como a sua luta é apoiada moral e materialmente por milhões de pessoas em todo o mundo. Nas colunas do «Avante!» temos relatado diversas vezes inúmeras provas da solidariedade que é prestada à nossa luta.

É dum valor incalculável a ajuda vinda de organizações internacionais como a Federação Sindical Mundial, C.G.T. e Socorro Popular Francês, C.G.T. italiana, Conselhos dos Sindicatos Soviéticos e Checoslovacos, etc., que ocorrem sempre com a sua solidariedade moral e material aos trabalhadores portugueses quando eles estão em greve, como no caso dos pescadores do Algarve, mineiros de Aljustrel e outros.

É também de incalculável valor que os presos políticos portugueses tenham hoje à sua volta milhões de pessoas que em todo o mundo seguem com ansiedade o seu drama e se dispõem a defendê-los quando os perigos ameaçam mais fortemente, como no caso da deportação para fora do continente de destacados dirigentes operários que há pouco os fascistas preparavam, mas que perante a pressão mundial foram obrigados a recuar. As provocações e ameaças que os carcereiros e a Pide têm feito cair sobre os presos de Peniche são hoje conhecidas internacionalmente e têm dado motivo aos mais variados protestos. O último apelo dos presos desta cadeia correu mundo, foi publicado em muitos jornais e lido aos microfones de muitas e poderosas emissoras. Para os homens e mulheres anti-fascistas condenados à prisão perpétua pelo governo salazarista é do mais alto valor ver companheiros seus, como Manuel Rodrigues da Silva,

Ivone Dias Lourenço, Maria da Piedade Gomes, Maria Luisa Soares e outros serem arrancados à cadeia e ver também que outros destacados combatentes e militantes operários, como Manuel Guedes e José Vitoriano se tornam conhecidos internacionalmente e têm a seu lado forças poderosas que aliadas à luta do povo português acabará por os arrancar às masmorras fascistas.

Damos a seguir algumas passagens de expressivos documentos de solidariedade à luta do povo português.

As mulheres soviéticas saúdam as mulheres portuguesas

Por altura do Ano-Novo as mulheres soviéticas enviaram às mulheres portuguesas uma mensagem onde entre outras coisas se diz:

«Mulheres Portuguesas, operárias têxteis do Porto, Covilhã e Lisboa, mulheres dos pescadores de Matosinhos e Algarve, mulheres dos mineiros de Aljustrel, camponesas do Alentejo, estudantes das Universidades, mães, irmãs, amigas. Em nome do Comité das Mulheres Soviéticas, em nome das mulheres de todo o nosso país, felicitamo-vos cordialmente por motivo da passagem do Ano-Novo.

Estamos separadas por milhares de quilómetros, porém estamos irmanadas e unidas pelo desejo da Paz e amizade, pelo desejo de vermos os nossos filhos são e felizes. Com sincera simpatia nós seguimos a vossa luta em defesa da igualdade de direitos, da liberdade e da democracia».

Saudando em especial as destacadas lutadoras presas em Caxias a mensagem diz mais adiante: «Nós alegramo-nos, juntamente convosco pela libertação de Cândida Ventura, Aida Magro, Maria

ABAIXO AS «MEDIDAS DE SEGURANÇA»

Manuel Guedes e José Vitoriano devem ser libertados!

Ao abrigo das celeradas medidas de segurança encontram-se na cadeia mais de uma centena de presos com as penas terminadas. De entre estes é justo continuar a destacar os nomes de Manuel Guedes e José Vitoriano cada um deles com longos anos de cárcere e com a saúde arruinada pelos maus tratos sofridos na cadeia, pela ausência dum assistência médica digna desse nome, pela péssima alimentação, sempre igual, de má qualidade e insuficiente, pelo ambiente de provocação e de arbitrariedade existente na cadeia de Peniche onde têm passado quase todo o tempo de prisão.

Como noutro lado referimos o nome destes destacados patriotas corre o mundo e cada um deles é mais uma confirmação do despotismo e arbitrariedade que reina no nosso país, mas tudo o que se está fazendo e o que se fará lá fora pela liberdade destes lutadores ficará incompleto se ao mesmo tempo o povo português não desencadear as mais diversas acções pela sua libertação.

As celeradas «medidas de segurança» são já hoje conhecidas e condenadas internacionalmente

e a luta contra a arbitrariedade que representam deve ser desencadeada cada vez mais enérgicamente.

Nenhum jurista, nenhum magistrado, nenhum português que não esteja cego pelo ódio fascista pode concordar com tão desumana lei. A luta pela abolição das «medidas de segurança» inscreve-se na luta pela conquista das liberdades em Portugal.

Que cada trabalhador, cada patriota e anti-salazarista se decida a lutar pela libertação de todos os presos que terminaram as suas penas. Que os nomes de Manuel Guedes, José Vitoriano e outros destacados militantes operários apareçam em todas as estradas e muros de Portugal.

Abaixo as Medidas de Segurança! Abaixo o fascismo! Fora Salazar!

Mais um exemplo a seguir

No dia 14 de Novembro último, na rua Moraes Soares, um guarda da PSP prendeu um miúdo de 11 anos que como tantos outros tem de trabalhar para viver. Contra a prisão do miúdo imediatamente intervieram duas mulheres. A esta natural resistência acorreram mais 4 polícias que como vai sendo habitual, espancam a torto e a direito sem olhar a sexo ou a idade. A esta brutalidade policial responderam imediatamente centenas de populares alguns dos quais se atiravam aos guardas esmurrandos e libertando o miúdo.

A chegada imediata da polícia de choque e de trânsito que igualmente espancavam os populares não amedrontou estes que continuaram a resistir e a atirar-se aos polícias como podiam e com o que tinham à mão. Numerosa multidão a que se juntavam os automobilistas que ficaram bloqueados pelo engarrafamento de trânsito provocado por este incidente incitavam os populares contra os polícias e chamavam a estes assassinos.

Esta acção popular na rua Moraes Soares, onde têm já ocorrido outras, é mais um exemplo de como o povo deve actuar sempre que as forças repressivas façam prisões, maltratem as pessoas simples.

de que são vítimas os seus colegas portugueses.

Todas estas acções e manifestações de solidariedade e muitas outras que ficam por mencionar são, como atrás se disse, de incalculável valor para a luta do povo português contra o fascismo. Esta solidariedade tem vindo a intensificar-se nos últimos anos, mas como dizia Alvaro Cunhal na sua última entrevista ao Pravda, ela é ainda insuficiente. O desconhecimento da situação portuguesa devido a uma propaganda demagógica e falsa conduzida pelos governantes fascistas no estrangeiro durante muitos anos criou uma falsa imagem da situação real do país. Levantar ao mundo a verdade da situação em Portugal é uma condição fundamental para que a solidariedade internacional aumente ainda mais. Mas como noutras ocasiões se tem dito a solidariedade internacional à luta do povo português longe de servir para abrandar a luta tem de ser um incentivo para a intensificar cada vez mais. Aliás outra condição para que a solidariedade aumente é que aumentem as lutas também. Por isso daqui apelamos de novo:

AVANTE POVO PORTUGUÊS QUE A ACOMPANHAR A NOSSA LUTA ESTÃO DEZENAS, CENTENAS DE MILHÕES DE PESSOAS EM TODO O MUNDO.